

## Entre o Hospício e a Cidade

Maria Inês Assumpção Fernandes

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Scarcelli, I. R. (2011). *Entre o hospício e a cidade: dilemas no campo da saúde mental*. São Paulo, SP: Zagodoni.

*“A Porta representa de maneira decisiva como o separar e o ligar são apenas dois aspectos de um mesmo e único ato.” (Simmel, 1970)*

Fruto do esforço de conciliação de uma trajetória construída pelas ações nas práticas institucionais, pela preocupação com a definição de políticas públicas e pela contínua reflexão teórica, este livro se apresenta após um longo percurso, uma viagem que, por si só, revela o panorama complexo das instituições no Brasil.

Nele, delineiam-se as discussões sobre saúde mental e saúde coletiva, nas quais a autora cria um espaço especial pelo qual podemos acompanhar um significativo debate sobre questões fundamentais que marcaram o processo da reforma psiquiátrica no Brasil. *Entre o Hospício e a Cidade*, revela e destaca a fronteira que liga e separa a cidade e o hospício e mostra o território da passagem *na mira da ultrapassagem* “entre a repetição do mesmo e o eterno retorno do antes que teceram os fios onde se rearticulam as práticas e os discursos da história da psiquiatria” (Birman, 1992, p. 83).

O livro é Território de um debate em construção contínua, e suas potencialidades dependem dos acordos históricos, políticos e culturais que se estabelecem no campo social. São esses acordos que constroem a *dimensão oculta* da cidade: o que não se pode revelar será mantido pelas instituições totais, enclausurado no manicômio; , retornará pela formação de preconceitos e estigmas.

“O hospício tem lugar no imaginário coletivo, é depositário das mazelas das quais se pensa estar livre quando não se está sob o seu domínio”. *Entre o Hospício e a Cidade* mostra, dentre muitos aspectos contemplados, um caminho cravado nas entranhas do instituído; momento e lugar de fronteira, tempo e espaço redefinidos no ato de desenhar outro contorno à loucura. O questionamento dos lugares instituídos dá visibilidade a uma luta coletiva que, por sua vez, orquestrará o debate político indo muito além do “âmbito das questões relativas à reforma do sistema de

saúde; inclui indagações sobre a desigualdade social, sobre a organização e relação dos movimentos sociais com o Estado” (p. 2).

Neste debate, a problemática de inclusão e exclusão social recebe uma indagação primoros; , se articule com uma densa reflexão sobre a cidade. Processo de criação, arte , vida, a cidade é o esplendor do humano.

O hospício e a cidade configuram, metaforicamente, o que Foucault (1984) ressaltava como próprio da *fixação espacial*: uma forma econômica e política que, merecia ser cuidadosamente estudada, desde as grandes estratégias da geopolítica até as pequenas táticas do habitat da arquitetura institucional, passando pelas implantações-políticas e econômicas.;no final do século XVIII a arquitetura começa a se especializar ao se articular com os problemas da população, da saúde , do urbanismo. Serão intervenções sanitárias, sociais e espaciais. “A diferenciação entre *ruas e casas*, entre espaços públicos e privados, devia ainda ser necessariamente acompanhada pela geografia da exclusão e da segregação social, que acabasse separando em bairros distintos os diversos segmentos da sociedade” (Marins, 1998, p. 136).“Separando e unindo, o homem determina a existência da *forma*: do lado de cá, o espaço finito,(delimitad), construído; do lado de lá, a infinita,(ilimitad), não determinada a extensão do continuum.

“A Porta que gera espaço e forma é o limite que o homem põe entre o natural e o artificial” (Contardi, 1978, p. 1)

A discussão que se apresenta nesse *intervalo* do hospício à cidade desvela um dos braços mais fortes dos projetos ligados à Reforma Psiquiátrica no Brasil : os *Lares Abrigados* ; , expressa a complexidade das interrogações ligadas ao processo de transformação idealizada e efetivada pela reforma. Os novos lares, na cidade, diferenciam-se e se distanciam dos espaços construídos para abrigar o infortúnio, a segregação , a humilhação; este, são espaços

manicomiais que aprisionam o tempo e onde a morte, antagônica a criação, encontra espaço e tempo para se imiscuir. A porta que delimita e dá form, também segrega, ataca

O urbanismo, como espaço e ambiente, ganha sustentação na reflexão sobre a condição demográfica, econômica, produtiva, sanitária. O resultado do processo de análise que aqui se apresenta não é um quadro estatístico, mas a representação de uma situação social, expressa pela relação dialética entre esses diversos componentes em jog, no sistema social.

O mundo de hoje globaliza os lugares e impõe um rearranjo de fronteiras. Com a reestruturação do espaço cria-se uma nova geografia.

Neste livro, a autora narra essa outra geografia, por meio de novas passagens. outra porta se abre e configura-se um novo significado à loucura e à segregação:

O homem que primeiro erigiu uma porta ampliou, como o primeiro que construiu uma estrada, o poder especificamente humano ante a natureza, recorrendo da continuidade e infinitude do espaço uma parte e *con-formando-a* numa determinada unidade segundo um sentido. . . . Se o hospício reeditou a junção das esferas da vida (o dormir, o trabalhar, o brincar) que se separaram na organização da cidade, o progressivo desmonte dos manicômios reedita novamente esta forma de vida aparentemente banida. (Simmel, 1970)

A cidade se revelou não se um meio de expressar em termos concretos a ampliação do poder sagrado e secular, mas, de um modo que foi muito além de qualquer invenção consciente, ampliou também todas as dimensões da vida. Começando a ser uma representação do cosmo, um meio de trazer o céu à terra, a cidade passou a ser um símbolo do possível (Mumford, 1998, p. 39).

Rupturas e continuidades são ocorrências que se confundem neste processo; a derrubada dos muros do hospício significa ruptura com a lógica manicomial, contudo; ela implica a continuidade entre espaços, o que conduz ao enfrentamento de outros desafios, à construção de diferentes interrogações e à exigência de uma nova reflexão. Tal complexidade não deixa de ser observada pela autora, quando nos apresenta este belo estudo de Baptista, ao citar Virilio:

a primeira janela foi a porta, foi a porta-janela, ou seja, há uma única abertura para os homens, para as coisas, para o ar, para a luz. Não deve haver arquitetura sem porta, assim a porta-janela é a primeira janela. A segunda janela, a porta que ilumina, que serve apenas para iluminar, para olhar e para arejar, aparece muito tardiamente. Aparece, de início, com o claustro, isto é, com as estreitas aberturas nos locais sagrados, porque, como a luz é assimilada ao divino, deve-se deixar que o raio de luz penetre no espaço. Em seguida, a janela torna-se mais larga, nos castelos dos príncipes, porque os castelos dos príncipes estão cercados de muralhas fortificadas e pode-se abrir, sem riscos, a interioridade da casa. A janela, com seu balcão, passa a ser lugar de exibição das mulheres. . . Para o camponês a janela continuará bem pequena e não terá, praticamente, utilidade alguma. . . . Na cidade, a janela formará a fachada e continuará a ser um lugar de exibição para as mulheres, para as flores . . . para o que está além. (Baptista, 1999, pp. 36-37)

*Entre o Hospício e a Cidade* desagua, dessa forma, em novas perguntas sobre o investimento político na subjetividade.

## Referências

- Baptista, I. A. (1999). *A cidade dos sábios: reflexão sobre a dinâmica social nas grandes cidades*. São Paulo, SP: Summus.
- Birman, J. (1992). *Ensaio de teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Contardi, B. (1978). *La retorica e l'architettura del barocco* (Prefácio). S.l.: Bulzoni.
- Foucault, M. (1984). *Dits et écrits, des espaces autres. Architecture, Mouvement: Continuité*, (5).
- Marins, P. C. G. (1998). *Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras*. In N. Sevcenko (Org.), *História da vida privada no Brasil* (pp. 131-214). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Mumford, L. (1998). *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Simmel, G. (1970). *Ponte e porta*. Padova: Saggi di Estetica.